

Capítulo XIII

Quando o prazer se torna compulsão

Angelina Bulcão Nascimento

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

NASCIMENTO, AB. Quando o prazer se torna compulsão. In: *Comida: prazeres, gozos e transgressões* [online]. 2nd. ed. rev. and enl. Salvador: EDUFBA, 2007, pp. 211-221. ISBN 978-85-232-0907-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Capítulo XIII

Quando o prazer se torna compulsão

A compulsão alimentar, expressa em um desejo incontrolável de comer, nada tem a ver com a fome real e pode ser considerada um vício.

Como já foi mencionado, Freud apontou o uso dos entorpecentes como uma das estratégias para lidar com o mal-estar¹. Para Maffesoli, a busca de gozos tóxicos também faz parte da tendência humana de escape, por ele nomeada “nomadismo”².

Na última década, o apelo às drogas cresceu e gerou problemas que ultrapassaram as fronteiras do drogado e de sua família, atingindo toda a sociedade. É possível constatar que, além das drogas interdidas pela Lei, tem havido consumo crescente do álcool, do fumo, dos tranqüilizantes, em todas as idades e classes sociais. A este fenômeno pós-moderno acrescentamos comportamentos que guardam relações estreitas com os citados, por seu caráter de dependência física e psíquica. São as atividades compulsivas que já ganharam rótulos tais como ‘chocólatras’, corpólatras, *shopholics*, *workaholics*, *overtrainers*, *webaholics*, bulímicos devidamente aproveitadas pela indústria de *gadgets* ou de medicações a eles dedicados.

Os “corpólatras” obcecados com o próprio corpo, investem energias, tempo e dinheiro com massagens, dietas, fisioterapias, hidrogenásticas, malhações, cooper etc., e/ou recorrendo a tratamentos miraculosos (vitaminas, florais, homeopatia, acupuntura). Deles se aproveitam, não só as academias e indústrias de produtos naturais, cosméticos etc., mas os fabricantes de aparelhos médicos, cada vez mais sofisticados. Um simples espirro é suficiente para o paciente ser encaminhado a ultrasonografias, ressonâncias magnéticas e similares que, além de lucrativos, fazem as delícias dos hipocondríacos.

A ginástica em excesso pode revelar um tipo de prazer-sofrimento compulsivo. Da mesma forma que as drogas psicotrópicas, como álcool e cocaína, algumas pessoas podem tornar-se dependentes de exercícios físicos. Ao se doparem, os viciados em drogas geralmente experimentam bem-estar, porque elas estimulam a liberação no sistema nervoso da dopamina, um neurotransmissor responsável pela sensação de prazer. Depois de um certo tempo, a privação da substância produz sintomas que levam a pessoa a

reiniciar o processo, num ciclo de dependência. Os exercícios físicos podem resultar em algo semelhante. Sua prática acarreta a liberação de endorfina, outro neurotransmissor, com propriedades analgésicas e entorpecentes.

Na década de 80, estudiosos americanos já haviam demonstrado que, após as corridas, alguns maratonistas sentiam euforia intensa, que os induzia a correr com mais intensidade e frequência. O fenômeno foi batizado de *runner's high* (que poderia ser traduzido como “o barato” da corrida). Em um estudo realizado no Brasil, os pesquisadores submeteram 66 voluntários a testes de esforço físico máximo, com monitoria de equipamentos, e a várias análises bioquímicas. Eles responderam também a questionários que procuravam detectar seu estado mental antes e depois dos exercícios. Ao final das baterias, a metade dos que revelaram ter o hábito de praticar exercícios apresentou sintomas de compulsão³.

Segundo a coordenadora da unidade de dependência de drogas da Unifesp⁴, a ginástica pode funcionar como uma válvula de escape para a ansiedade, e nesses casos o prazer obtido pode gerar dependência. Ressaltamos que esses esclarecimentos foram submetidos à avaliação de um especialista, o psiquiatra Eduardo Saback Dias de Moraes⁵. Ele confirmou que os comportamentos compulsivos envolvem mecanismos cerebrais de adaptação equiparáveis aos da dependência de drogas.

A obsessão digital é outro dos grandes vícios da era moderna. A facilidade de acesso a um sem número de informações e serviços através da rede gera um tipo de dependência que mantém o internauta preso ao micro. Obviamente, estas novas formas de prazer e de gozo inexistiriam se não fossem as novas tecnologias da comunicação.

O distúrbio vem sendo estudado por psicólogos e psiquiatras. Resultados de trabalhos científicos revelam que o problema atinge todas as faixas etárias e abrangem pais de família e adolescentes. “Cybersexo é uma nova droga, é o crack da compulsividade sexual”, declarou à revista *Veja* um dos especialistas no tema, o psicólogo Al Cooper, da Universidade Stanford. Segundo a reportagem, pessoas “trocam mensagens picantes, com descrições detalhadas do ato sexual, enquanto se masturbam”. Alguns abandonam a mulher, perdem o convívio com os filhos e se arriscam a perder o emprego. O sujeito que só consegue ter prazer diante do computador precisa urgentemente de tratamento, afirmou a *Veja* o ginecologista Nelson Vitiello, um dos coordenadores de pesquisa realizada no Brasil. “A Internet é um caminho poderoso de aproximação entre as pessoas, mas

pode ter conseqüências desastrosas quando não é bem utilizada”, corroborou Ailton da Silva, psicólogo da USP.

O sexo *on-line* tem sido também discutido nos centros de tratamento para compulsivos. No Projeto Sexualidade do Hospital das Clínicas de São Paulo, o tratamento consiste em sessões de terapia e a administração de pequenas doses de antidepressivos com objetivo de ajudar a diminuir a libido.

A compulsão por sexo é um distúrbio comportamental marcado pela total ausência de controle. Caracteriza-se no excesso da prática sexual, que impede outras atividades. Também tem sido estudada, e para ajudar os que dela padecem, foi criado, nos moldes dos Alcoólicos Anônimos, o Dasa (Dependentes de Amor e Sexo Anônimos). Não há um comportamento padrão entre os sexo-compulsivos. Há os que só vivem de fantasias, os que se masturbam e os que transam com várias pessoas ao mesmo tempo, os que só conseguem prazer pela Internet. Evidentemente, nem todos os que fantasiam, ou se masturbam, têm compulsão por sexo. O que torna alguém dependente é a repetição daquela mesma conduta indefinidamente. A diferença entre uma pessoa sexualmente dependente e outra que possui um grande apetite sexual é que a primeira se torna escrava do sexo, e põe em segundo plano parentes, trabalho etc.

A descrição que os compulsivos fazem do prazer que sentem com sexo parece ser semelhante aos relatos dos dependentes de droga ao consumir cocaína. ‘Você fica num estado de euforia, como se entrasse numa espécie de transe”, declarou ao *Jornal do Brasil* um dos entrevistados pela reportagem⁶. E isso não acontece só durante o ato sexual. A euforia aparece antes, nas horas que gastam pensando e programando o que vão fazer.

Uma grande parte procura fotos, vídeos ou bate-papos de conteúdo erótico. Sexo virtual tornou-se, então, um dos assuntos mais lucrativos do comércio eletrônico e um dos divertimentos preferidos pelos usuários.

Mas é importante diferenciar o prazer encontrado no papo virtual, na pesquisa, nas viagens, nos novos contatos, em romances com toques de mistério, nas fantasias, de uma dependência semelhante à experimentada pelos usuários de drogas.

Podemos citar ainda, como exemplos de comportamentos compulsivos, os *workaholics* comprometidos com uma produção desenfreada, sempre correndo, como o coelho do país das maravilhas.

Os *shopolics*, por sua vez, preenchem a falta com objetos desnecessários adquiridos sem limites. São os compradores compulsivos que vão às compras com sofreguidão, geralmente indu-

zidos por quadros de depressão e ansiedade. No momento em que estão comprando, experimentam sensações de excitação muito semelhantes às das provocadas pela cocaína ou pela maconha; depois, caem em depressão, fadiga e sentimento de culpa, exatamente como os usuários de droga⁷.

Os circuitos de neurônios encarregados de reconhecer sensações agradáveis ao organismo convergem para uma área do cérebro que funciona como centro da recompensa. Uma vez ativado repetidamente por uma substância química, ou sensação de prazer induzida por determinado comportamento, os neurônios localizados nessa região vão ativar os circuitos que convergem para o centro da busca, área do cérebro capaz de induzir alterações comportamentais que levem à repetição do prazer obtido anteriormente.

O impulso consumista é uma droga poderosa que substitui os problemas da vida real pelo prazer das vitrines e prateleiras. A fronteira do prazer é superada e se transforma em obsessão⁸.

A compulsão aprisiona a vítima em dívidas astronômicas. Mas dá em troca o nirvana das roupas glamourosas, perfumes sofisticados, sapatos que jamais serão calçados e dezenas de roupas e objetos, até ferramentas de carpinteiro que, depois de adquiridos, serão escondidos em caixas no armário. Comprar é droga alucinógena. Tão poderosa que deixa os problemas da vida real à margem das vitrines e as preocupações guardadas nas prateleiras das lojas sedutoras. Para satisfazer o impulso consumista não existe lógica, limite ou falta de dinheiro.

Descrita pelos psiquiatras Kraepelin, na Alemanha, em 1915, e Bleuler, na Inglaterra, em 1988, a oniomania, ou seja, a mania de comprar, é doença que ganhou nova dimensão nos anos 90 como a mais nova perturbação psicológica que carrega o homem contemporâneo para a fila de empréstimos do banco e para o divã do analista ou grupos de auto-ajuda. Para alguns autores da psiquiatria moderna, é parte subestimada do quadro conhecido como Transtornos Obsessivo-Compulsivos (TOC), e vizinha de compulsões por comida e jogo. Para outros, é parte de um quadro complexo da sociedade contemporânea que faz uma ponte entre o que a pessoa é e o que gostaria de ser. Uma das hipóteses levantadas é que a excitação do ato de comprar, de malhar, pular de pára-quedas, escalar ou andar de montanha russa estimula a secreção de dopamina e serotonina, os neurotransmissores produzidos pelo nosso próprio cérebro.

Segundo a pesquisa, mais de dois terços compram para combater a depressão. A indústria farmacêutica testou uma medicação chamada *Luvox*, que ajuda os compradores compulsi-

vos, produzindo mais serotonina (o neurotransmissor da felicidade), que é escassa nos sofrendores de TOC. Por coincidência, o estudo o Dr. Elliot aponta que dos 50 *shopaholics* do grupo de controle, quatro estavam submetidos ao tratamento com Prozac, também utilizado para outras desordens compulsivas-obsessivas. Uma droga para combater outra. E uma nova evidência da felicidade ao alcance sob forma de comprimidos.

Desordem psiquiátrica ou mais um mal do século? “Anos atrás, uma pessoa, se estivesse infeliz, não saberia o que fazer com ela mesma. Ela começaria uma revolução, qualquer coisa. Hoje, se você está infeliz, qual é a salvação? Vá às compras”, escreveu o dramaturgo Arthur Miller na peça *The price*⁹.

Um outro aspecto da questão, levantada pelo psicanalista Marcus do Rio Teixeira¹⁰, relaciona-se às perdas e lucros resultantes de rejeições/aceitações de novas mercadorias de consumo. Essa constatação corrobora com a concepção marxista de que as mercadorias criam novos desejos e não simplesmente realizam os desejos preexistentes. Teixeira ressalta que a palavra “desejo” não foi formulada por Marx, pois este se referiu à *necessidade*. A distinção entre as duas categorias só se tornou possível a partir da teoria psicanalítica. Por ser caracterizado como fora da natureza, o desejo presta-se, por isso mesmo, às mais variadas metamorfoses.

Para Teixeira, o conceito psicanalítico de ‘fetichismo’, é o que melhor define o laço do consumidor com o objeto de consumo. Assim como o fetichista, que é impelido a ampliar seu acervo de fetiches, o consumidor está sempre descartando aquilo que não tapa sua falta, buscando a satisfação plena.

O psicanalista amplia a comparação ao destacar que, da mesma forma que o fetichista, o consumidor não ignora os mecanismos ilusórios da publicidade ou a finitude programada dos produtos que consome. E acrescenta: “Não há, portanto, oposição entre consumidor ‘consciente’ ou ‘alienado’, ambos são duas facetas do mesmo sujeito.”

Isso o leva a concluir que o Discurso do Capitalista, formalizado por Lacan, se mantém pela exacerbação constante da falta, ao mesmo tempo em que acena com a possibilidade de obturá-la com o objeto de consumo.

É interessante notar que a palavra “consumir”, hoje usada mais no sentido de comprar, tem várias conotações, entre elas a vinculação com a comida. No Dicionário Eletrônico Aurélio Século XXI, podemos encontrar entre outras definições:

Gastar ou corroer até à destruição; devorar, destruir, extinguir. Gastar (bens de consumo ou de produção) pelo uso. Absorver (alimento ou bebida).

O consumismo abarca praticamente todos os prazeres, e é responsável pela alucinação dos desejos mais extraordinários, que se concretizam na “bulimia” de objetos, assim como em sua *fetichização*. Insaciável e voraz, o desejo consumista demanda sempre novas experiências de se *alimentar*, seja através do constante descartar dos *gadgets*, seja através de diversões inusitadas, como demonstram as excursões para turistas brincarem de mendigos nos bulevares parisienses.

Em *O Capital*, Marx definiu a mercadoria como objeto que satisfaz necessidades. Não importa se elas se originam do estômago ou da fantasia. O filósofo considerou o apetite do espírito equivalente à fome manifesta no corpo. Referiu-se à motivação para o crescimento da produção do luxo. Uma parte maior do produto social transforma-se em produto excedente e uma parte maior do produto excedente é reproduzida e consumida em formas mais refinadas e mais variadas, ou seja, cresce a produção de luxo¹¹.

Mais tarde, esta idéia evoluiria para a reivindicação do “desenvolvimento universal das necessidades humanas que a grande indústria moderna já preparou e que o comunismo deve realizar”. Marx e Engels consideraram que o desenvolvimento de todas as possibilidades humanas implica o desenvolvimento universal de suas fruições.

No sistema capitalista, caracterizado pela avidez de lucros e feroz competição, não é de espantar que a gastronomia também tenha entrado no rol da concorrência e do faturamento. A comida não apenas gera rendimentos, como os pode inspirar e auxiliar. São freqüentes os almoços para entabular negócios.

Nos tempos atuais, a comida tornou-se um negócio que estimula investimentos. Os bons cozinheiros ganham salários invejáveis e prestígio social, sendo citados em colunas sociais ao lado das celebridades do momento. Como mencionamos, em outro momento deste trabalho, os cursos de culinária de nível

superior estão se multiplicando, assim como está crescendo o exército de *gourmets* e *gourmands*. Nada menos que 45 países estão representados nos restaurantes de São Paulo¹².

A mídia divulga constantemente informações e estatísticas sobre a indústria gastronômica. O mercado adquiriu proporções gigantescas abrangendo *fast-foods*, bares, lanchonetes, restaurantes à quilo, restaurantes sofisticados que exigem profissionais especializados. Além dos garçons, *barmen*, envolvem-se fabricantes de móveis, de cozinhas industriais, de acessórios (talheres, pratos, copos), decoração etc.¹³. Nos últimos 10 anos, a indústria agroalimentar criou mais de 32.000 empregos¹⁴. “Um supermercado nos Estados Unidos é, ao mesmo tempo, mercado, palácio, templo e passarela”, definiu Franco¹⁵.

As novas tendências alimentares têm gerado lucros significativos para quem sabe aproveitar a onda. A importância dada aos *chefs* faz com que suas exigências sejam respeitadas e isso estimulou plantio de ervas aromáticas, até pouco tempo inéditas no Brasil. Carnes exóticas entraram nos cardápios e, para atender à demanda, javalis estão sendo criados em fazendas, assim como codornas, faisões, perdizes. Ostras do Pacífico são cultivadas em Santa Catarina e já existem fazendas de avestruz e de búfalos no Brasil¹⁶.

O nível de sofisticação também favorece o segmento dos utensílios e equipamentos. A exemplo do que ocorre com o vestuário, a preferência por grifes não se explica apenas pela qualidade dos produtos relativos à culinária, mas pelo desejo de exibição, assegurou Muriel Generali, dona de uma loja de utensílios domésticos. Alguns fogões custam preços de automóveis. Cresce a procura de adegas domésticas climatizadas e a chamada “cozinha gourmet” caracterizada por bancadas, armários e gavetas especiais¹⁷.

O COMER COMPULSIVO

A ampliação dos estudos sobre transtornos alimentares têm propiciado descobertas de características específicas e conseqüentemente novas categorizações. Fatores culturais somados à predisposição orgânica e a um perfil psicológico particular são invocados para explicar a Bulimia, que tem características de dependência. Assim como a anorexia nervosa, é enquadrada no rol dos distúrbios alimentares incluídos na classificação de transtornos mentais.

Existem sutis diferenças entre os termos “bulimia” (palavra de origem grega significando capacidade de sentir fome a ponto de ingerir um carneiro), “bulimia nervosa” e “TCAP” (Transtorno da Compulsão Alimentar Periódica). A primeira caracteriza-se pelo consumo, em segredo, de alimentos hipercalóricos seguido de dores abdominais, sono, interrupção da vida sexual, autodepreciação, tentativas de perda de peso através de vômitos voluntários, laxantes, diuréticos. A culpa em comer demais, que caracteriza a bulimia, para ser minorada, induz o vômito.

A palavra “nervosa”, anexada à palavra “bulimia”, tornou-se nova categoria diagnóstica para se referir a um medo mórbido de engordar que culmina em comportamentos compensatórios inadequados para evitar ganho de peso. Além dos episódios típicos da bulimia, a bulimia nervosa caracteriza-se pela presença de compulsão alimentar definida no DSM-IV como ingestão, em um período limitado de tempo, de uma quantidade de alimentos maior do que a maioria das pessoas consumiria num período similar, sob circunstâncias similares, com sentimento de falta de controle sobre o consumo alimentar durante os episódios de voracidade seguidos de comportamentos compensatórios para prevenção de ganho de peso (por exemplo: vômitos, uso abusivo de laxantes, diuréticos, exercício excessivo, enemas), preocupação excessiva e persistente pela forma do corpo e o peso. A elas foi acrescentada uma nova categoria diagnóstica de distúrbio relativo à alimentação: o TCAP. Tradução de *binge eating disorder*, define-se pela ingestão de grandes quantidades de comida associada à perda de controle, com subsequente angústia. O termo inglês *binge* significa “entregar-se a algo”, “tolerância excessiva”.

Embora a obesidade seja considerada condição para um diagnóstico de transtorno alimentar, e ocorra freqüentemente em indivíduos que tenham TCAP e sejam eventualmente bulímicos, é classificada na categoria de transtorno alimentar sem outra especificação.

Vale salientar que a palavra “compulsão”, utilizada para os casos em que a busca de prazer torna-se imperativa e o indivíduo perde o controle, é considerada inadequada para alguns estudiosos dos transtornos alimentares. Borges e Jorge¹⁸ defendem que o comportamento voraz mais se assemelha a um problema de impulso. Sugerem que o termo “compulsão alimentar” seja substituído por “Transtornos do comer impulsivo”. “Transtornos da impulsividade” é outro nome usado e que, segundo o médico Adriano Segal, são conseqüências de um desequilíbrio neuroquímico. Outros especialistas apostam mais na influência dos fatores sociais¹⁹.

Ao contrário da bulímica, que come além da necessidade e se empanturra, a anoréxica freqüentemente deixa de se alimentar. “*Em ambos os casos, a comida é o inimigo*”, esclareceu Steve Bloomfield, o porta-voz da “Eating Disorders Association”, uma instituição britânica de caridade²⁰. Ambos os distúrbios estão ligados a uma idéia fixa: ser magra. A fobia à obesidade caracteriza a anorexia, culminando em distorção da imagem corporal (a pessoa se enxerga gorda, mesmo estando abaixo do peso desejável), emagrecimentos radicais, com riscos de vida.

Ao ajudar a criar a ilusão de que a aparência física é capaz de trazer a felicidade e o sucesso, a mídia contribui para estimular comportamentos anoréxicos e bulímicos. Um relatório publicado pela Associação Médica Britânica (BMA), intitulado *A Eating Disorders, Body Image and the Media*, identificou o elo entre as imagens de modelos ‘extremamente magras’, em revistas de moda e televisão, e essas desordens²¹. Foi a primeira vez que a BMA estabeleceu conexão entre a imagem corporal de pessoas tidas como símbolos sexuais e o aumento da ocorrência de anorexia e bulimia. Só na Grã Bretanha havia, à época, 60 mil pessoas com disfunções alimentares, 90% delas pertencentes ao sexo feminino.

Alguns depoimentos publicados no jornal *Folha de S. Paulo* de 27 de outubro de 1996 ilustram o drama do qual padecem os anoréxicos e bulímicos.

Às escondidas dos pais, garotas encontram espaço na Internet para se informar sobre Bulimia e Anorexia. Ao que tudo indica, elas procuram apoio para sua obsessão. Estima-se que 80 mil garotas de várias partes do mundo freqüentam esses endereços, onde trocam experiências e utilizam um vocabulário peculiar. Elas denominam a si próprias de ‘pro-ana’ (a favor da anorexia). “Acorde de madrugada para fazer exercícios enquanto seus pais estão dormindo”, propôs a adolescente J.F.H., 13 anos, 1,65 metro e 40 quilos, num fórum de discussão de um site hospedado no portal *geocities*²².

Embora alguns tentem relativizar a influência das *topmodels* na obsessão contemporânea pelo emagrecimento²³, uma espécie de catequese para que todos possuam uma estrutura corporal magra (‘sarada’) foi absorvida pela indústria cultural. A figura do indivíduo magro movimenta indústrias que atingem lucros de milhões de dólares: cirurgias estéticas, dietas, cosméticos etc.²⁴. A compreensão do fenômeno demanda, pois, a investigação de como são produzidos os atuais cânones de beleza veiculados pela mídia, como são criados mitos tais como uma Gisele Bündchen, a que interesses serve a ditadura da moda e da

estética. O desconforto físico, sentimento de culpa, desprezo por si mesmo, ou remorso tornam a compulsão alimentar um prazer indissociado ou alternado pelo sofrimento.

Em suma, corpólatras, *workaholics*, *shopaholics*, *overtrainings*, *webaholics*, chocólatras, bulímicos seriam novos rótulos, novos sintomas, novas formas de intoxicação na medida em que revelam dependência. Vão além do prazer e, ao ultrapassar seus limites, ameaçam a sobrevivência do indivíduo.



OS FOODIES

O consumismo é a principal diferença entre os gourmands, os gulosos e os *foodies*. Este último termo foi criado em 1984 pelos escritores ingleses Paul Levy e Ann Barr para designar os fanáticos pela culinária, quando o culto à comida começava a virar hobby de gente refinada²⁵.

Satirizados em *A vida é doce* (1990), filme de Mike Leigh em que a história tem por cenário o bistrô *Regret Rien*²⁶, os *foodies* são definidos como aqueles que têm um interesse desmesurado por tudo o que se relacione com comida. A diferença para os gourmands e gourmets é que, além de gostar de comer bem, e ter domínio sobre a arte culinária, gastam fortunas no hobby.

Eles procuram conhecer a origem dos ingredientes, o contexto histórico em que o prato surgiu e seu significado social. Eles sabem, por exemplo, que a evolução da forma e do gosto do bolo de casamento têm paralelo com os valores morais da sociedade ocidental. Também sabem que o desenvolvimento da indústria de alimentos enlatados tem ligação direta com as guerras mundiais. Colecionam livros de culinária, falam dos grandes *chefs* com intimidade, costumam vestir avental para oferecer a convidados pratos por eles elaborados, demonstram um conhecimento profundo de especiarias e ervas, e sacralizam a comida.

Grande parte dos *foodies* é formada por empresários, médicos, intelectuais. E a maioria pertence ao sexo masculino.

Segundo reportagem publicada no *Jornal do Brasil*, o *foodie* não bebe vinho, harmoniza. Só compra javali na barraca do Roberto no Mercado Municipal. Não gosta de seguir receita, porque cozinhar é uma necessidade de expressão. Em um jantar com um grupo, lança aqui e ali palavras como *fantastique*, *magnifique*, *super*. Visitou pelo menos três restaurantes três estrelas do Guia Michelin. Tem um avental branco com o seu nome bordado, um *Larousse Gastronomique* e um livro editado pela DBA. Cultiva ervas em vasinhos na varanda. Mistura foie-gras com chocolate. Ouve jazz enquanto cozinha. Só salga a comida com a flor de sal de Guérande. Se tem condições econômicas e espaço sobrando, o *foodie* tem uma segunda cozinha onde a empregada não entra.

Para intelectualizar o hobby, cita frases de escritores sobre o prazer de comer. É capaz de gastar o valor de dois carros populares num fogão. Jamais usa caldo em tablete na cozinha e, sim, com os ossos da carne que está sendo preparada. Tem pelo menos uma panela de grife. Tem adega climatizada e entende de vinhos o suficiente para saber escolher qual combina melhor com

cada prato. Distingue 15 tipos diferentes de arroz, 26 de azeite, 8 de melão, 9 de alface, 89 de macarrão e mais de 200 de queijo. Quando viaja, programa roteiros gastronômicos com até um ano de antecedência para conseguir uma mesa no El Bulli, na Espanha, no French Laundry, na Califórnia ou no restaurante de Alan Ducasse, em Paris. Voltam com as malas repletas de louças, temperos, instrumentos, e um diário com impressões sobre restaurantes e cita pratos experimentados nos restaurantes três estrelas do *Guide Michelin*.

Como disse Paul Levy²⁷, só três coisas importam para o *foodie*, saúde (para poder comer mais por mais tempo), dinheiro (para escolher o que comer sem ter de fazer contas) e que o peixe não esteja cozido demais. Quem lucra e agradece é o mercado especializado. As companhias de turismo já oferecem viagens “enogastronômico-culturais” cujo programa inclui ida a restaurantes tradicionais, a fazendas produtoras de queijos típicos e vinícolas ou roteiros gastronômicos pela França. E também aulas de culinária para amadores. A última edição do “Boa Mesa”, salão de gastronomia que apresenta *chefs* renomados e produtos gastronômicos de diversos países, tem reunido milhares de participantes todos os anos.

Os *foodies* são os maiores responsáveis por ter a cozinha se tornado o lugar nobre de muitas residências. Chamada ‘cozinha de estar’, estão substituindo as ‘salas de visitas’, tendo todo o conforto e parafernália possíveis: televisão de muitas polegadas, aparelho de som, objetos de grife, estantes para os livros de culinária. Alguns *foodies* achavam indispensável duas cozinhas: uma para a empregada, e outra sofisticada para as aventuras gastronômicas²⁸.